

# Gauguin e as cores dos trópicos

Bérénice Cappati e Eva Adami



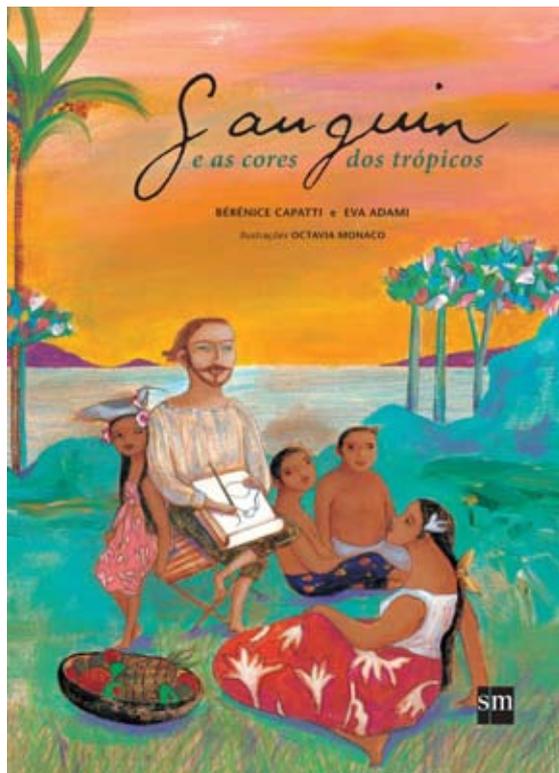
Tradução Paula Veermersch

Ilustrações Octavia Monaco

Temas França; Pintura século XIX; Pós-impressionismo; Primitivismo;  
Colonialismo francês; Cultura polinésia

Tema transversal Pluralidade cultural

## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas



## GAUGUIN: A POESIA DO OLHAR SELVAGEM

A trajetória existencial e artística de Paul Gauguin foi muito marcada pelo questionamento da sociedade europeia oitocentista e pela defesa da pintura como ato imaginativo.

Por volta de 1860, surgiu na França uma geração de artistas que fundou o movimento conhecido como impressionismo. Os impressionistas pintavam ao ar livre para captar a realidade de modo imediato e instantâneo. Artistas importantes ligados a esse grupo foram Pierre-Auguste Renoir (1841-1919), Claude Monet (1840-1926), Edgar Degas (1834-1917) e Camille Pissarro (1839-1903). Seus trabalhos se caracterizavam, entre outros aspectos, pelas pinceladas rápidas e pela transformação da luz e do movimento em elementos estruturantes da composição. O desenho com contornos nítidos perdia então importância



2008996337546

para as manchas cromáticas (e as cores deixam de ser misturadas na palheta, passando a se misturar no olho do observador, pela justaposição de tons complementares). Entre nós, a influência impressionista, aclimatada à cor e à luminosidade brasileiras, é visível nas telas de Eliseu Visconti (1866-1944) e Georgina de Albuquerque (1885-1962).

No entanto, como aprofundamento ou contestação dessas propostas, desenvolveu-se a pintura pós-impressionista, representada por artistas como Paul Cézanne (1839-1906), Vincent van Gogh (1853-1890) e Paul Gauguin (1848-1903).

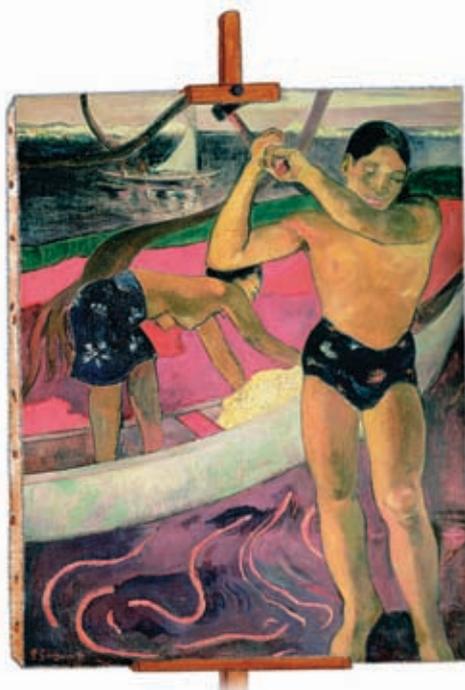
Gauguin procurou ultrapassar o limite sensorial de seus predecessores contrapondo-se, pela imaginação, ao ilusionismo impressionista. Na região francesa da Bretanha, começou a desenvolver a visualidade característica de seu trabalho: linhas definidas, cores fortes e chapadas, que valorizavam os aspectos simbólicos da pintura.

Essa visualidade radicalizou-se no Taiti, para onde Gauguin partira em busca de uma autenticidade primitiva, embotada pelo processo civilizatório. Em seu livro *Noa noa* (“aromático”, em taitiano), lê-se: “A civilização sai aos poucos de mim e começo a pensar com simplicidade, a alimentar pouco ódio pelo meu próximo, a funcionar de forma animal, livre, com a certeza de que o amanhã é igual ao dia de hoje. Todas as manhãs o sol se ergue tranquilo para mim como para toda a gente. Faço-me descuidado, sereno e amante”. E também: “Aqui a poesia liberta-se sozinha e só é preciso deixarmos nos arrastar no sonho, pintando de forma a sugeri-la [...]. Sinto que em arte tenho razão, mas conseguirei força para exprimi-la de forma afirmativa? De qualquer maneira, fiz o meu dever e, se minhas obras não resistirem, resistirá sempre a recordação de um artista que libertou a pintura das complicações acadêmicas de outrora”.<sup>1</sup>



<sup>1</sup> GAUGUIN, Paul, *Noa noa*. São Paulo: Max Limonad, 1982, p. 23 e 69.

Em sua pintura imaginativa, Paul Gauguin entrelaçou culturas, cores e fragrâncias, desafiando a perspectiva burguesa e colonialista e as convenções da arte acadêmica.



## A OBRA EM CONTEXTO

---

### PARIS NO FIM DO SÉCULO XIX

#### Política

Em 1870, o imperador Napoleão III (1808-1873), sobrinho de Napoleão Bonaparte (1769-1821), declarou guerra à Prússia, que, com a unificação alemã, começava a se tornar uma grande potência. O conflito, no entanto, levou a França ao desastre. Paris foi sitiada e a população, submetida a muitas privações. Preso Napoleão III, o país voltou a ser uma república, mas o povo, descontente com as condições impostas pelos alemães e indignado em face do novo governo (que favorecia apenas os mais ricos), organizou-se num movimento revolucionário, a Comuna de Paris. Trata-se do primeiro governo operário da história, que durou apenas três meses, de 26 de março a 28 de maio de 1871.

#### Urbanismo

Napoleão III encomendara ao barão Haussmann (1809-1891) um projeto urbanístico de modernização da cidade. Tal projeto pretendia reestruturar Paris, rasgando-a com grandes avenidas e bulevares – disposição que, além de resolver problemas de circulação e saneamento, contribuía para dificultar os grandes levantes populares. A reforma, que aconteceu entre os anos 1860 e 1870, expulsou do centro urbano os trabalhadores e organizou de forma geométrica os monumentos públicos.

#### Cultura

Na segunda metade do século XIX, Paris foi palco de inúmeras manifestações culturais e políticas. Após a Revolução Francesa (1789-1799), a cidade desenvolveu-se industrialmente, atraindo uma série de intelectuais, escritores, músicos e artistas plásticos. Nas últimas décadas daquele século, tornou-se o centro cultural mais importante do mundo e sediou a Exposição Universal de 1889, para a qual foi construída a Torre Eiffel. Paris presenciou a invenção de inovações tecnológicas como o telefone, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião. Seus cafés, teatros e bulevares forjaram um novo estilo de vida, que se espalhou pelas principais

idades europeias. A burguesia em todo o mundo voltava-se para a capital francesa, copiando sua alta-costura e sua *joie de vivre* (“prazer de viver”). Nas artes, poetas como Charles Baudelaire (1821-1867), Stéphane Mallarmé (1842-1898) e Arthur Rimbaud (1854-1891), prosadores como Gustave Flaubert (1821-1880) e Émile Zola (1840-1902), compositores como Claude Debussy (1862-1918), Erik Satie (1866-1925) e Maurice Ravel (1875-1937), sem falar nos já mencionados pintores impressionistas e pós-impressionistas (Renoir, Monet, Degas, Cézanne e o próprio Gauguin), lançaram as bases do movimento modernista, que floresceria no século XX.

## POVOS DO PACÍFICO SUL

Os povos do Pacífico Sul vivem na Austrália e nos arquipélagos da Melanésia, Micronésia e Polinésia. O isolamento geográfico e a particularidade do território, dividido em várias ilhas, possibilitaram que ali se desenvolvesse grande variedade de etnias. Esses povos têm profundo respeito pela natureza e com ela se relacionam de modo animista (montanhas e rios, plantas e animais são dotados de alma e vontade própria). Eles podem ser repartidos em quatro grandes grupos:

### Aborígenes australianos

Os aborígenes australianos são um povo nômade, que vive da coleta e da caça. Para se defender e conseguir alimento, usam arco e flecha, lanças e bumerangue. Para eles, a música, a poesia, a dança e a pintura têm significado religioso.

### Melanésios

Os melanésios vivem na Nova Guiné, nas ilhas situadas a leste, e apresentam grande diversidade cultural. Cada tribo possui um chefe, escolhido por seus méritos, não por hereditariedade. Constroem objetos com madeira, conchas marinhas, carapaça de tartaruga, fibras vegetais, plumas e flores.

### Polinésios

As casas dos polinésios são feitas com troncos de madeira e telhado de palha, não há paredes. Com madeira, cascas de árvore e plumas, os habitantes das ilhas de Samoa e Tonga realizam trabalhos manuais, enquanto na ilha de Páscoa as grandes esculturas dedicadas ao culto de mortos foram feitas com lava. Chamadas *moais*, elas provavelmente representam reis,



sacerdotes e guerreiros e constituem um registro da expressão artística dos antigos *rapanui* que habitavam a ilha.

Muito conhecidas também são as danças polinésias, em que o movimento dos braços e das mãos combina com o requebro ritmado dos quadris.

### **Micronésios**

Os micronésios vivem da pesca e da agricultura e se organizam socialmente em um sistema de ajuda mútua, morando em casas com um único cômodo bem amplo. Somente aos homens mais poderosos a poligamia é permitida. Entre as técnicas e artes micronésias, sobressaem as canoas decoradas, a pintura sobre madeira das casas de Palau e as máscaras e entalhes das ilhas Mortlock.

### **Primitivos e civilizados**

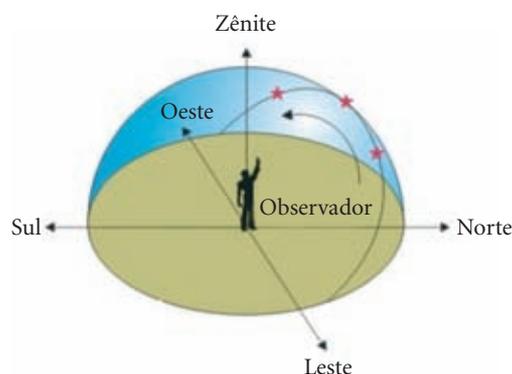
No final do século XIX, a teoria evolucionista de Darwin influenciou estudos sobre a diferença entre povos “civilizados” e “primitivos”. Os antropólogos evolucionistas consideravam a própria sociedade o ápice de um longo processo, encarando os aborígenes de uma perspectiva etnocêntrica, como povos sem história, o que justificava seu acultramento pelo colonizador europeu. No entanto, Gauguin, ao viajar para o Taiti, buscava fugir dessas ideias, acreditando que os povos ditos “primitivos” eram justamente aqueles mais genuínos e capazes de viver em harmonia consigo e com a natureza.



### **AS CORES DOS TRÓPICOS**

As cores podem ser classificadas popularmente como *frias* e *quentes*. Consideram-se frios os tons azulados, violáceos e alguns tons de verde, que se associam a elementos naturais como a água, o gelo, o céu e as árvores e transmitem as sensações psicológicas de frio e calma. Já as cores ligadas ao sol, como o laranja e o vermelho, são ditas quentes, por produzirem sensações de calor e excitação.

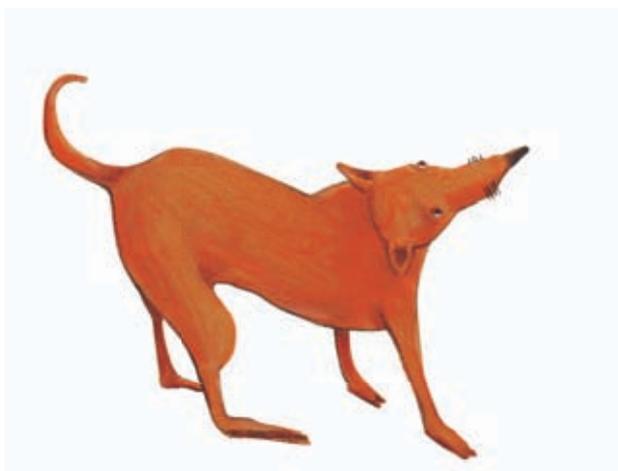
Lugares onde predomina o clima ensolarado são amiúde representados por cores quentes. Nos trópicos, o sol atravessa o céu no zênite a maior parte do ano. Quando está nessa posição, a camada de atmosfera atravessada pela radiação solar é menos espessa do que aquela que a luz atravessa quando o astro se encontra em posição oblíqua no horizonte, o que é mais frequente



em países de clima temperado. Por isso, nos países tropicais, o sol do meio-dia é menos filtrado, promovendo uma luz abundante, que aumenta os contrastes, diminui as sutilezas entre os tons e encolhe as sombras.

Nas telas de Gauguin, mesmo antes de ele viver na Polinésia, a cor já havia assumido um sentido simbólico. Entretanto, na Polinésia, região de clima tropical, o artista foi tocado por esse aumento no contraste. Em suas pinturas, ele representou essa luz natural abundante e condensou as sensações em blocos cromáticos quase sólidos.

No Brasil, a tropicalidade é também associada não somente às cores e à natureza, mas ao próprio caráter nacional (povo festivo e sensual, país do Carnaval, entre outros estereótipos). Para os europeus, os trópicos possuem uma aura de exotismo que diverge de seus padrões. Sob esse aspecto, Polinésia e Brasil apresentam um denominador comum e podem representar, na visão europeia, a utopia da abundância e da felicidade associada ao paraíso terrestre.



## ATIVIDADES PRÁTICAS

### CONHECENDO OUTRAS CULTURAS

Para desenvolver esse tema de modo claro e sem preconceitos, convém iniciar a atividade com um esclarecimento sobre o conceito de cultura como conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos e costumes que distinguem um grupo social. Nessa perspectiva, falar em povos “sem cultura” será uma impropriedade, pois cada povo possui uma língua, uma religião, manifestações artísticas etc., enfim, uma identidade cultural que o particulariza.

O professor pode então apresentar aos alunos alguns aspectos da cultura dos povos do Pacífico Sul, indicando no mapa sua loca-

## Do Pacífico ao Atlântico

- Durante a apresentação dos painéis, o professor pode traçar um paralelo entre os povos do Pacífico Sul e os índios brasileiros, destacando o respeito à natureza como denominador comum às duas culturas.

## Traços & símbolos

- Para realizar os desenhos tribais, recomenda-se o emprego de nanquim com pincel fino. Essa tinta desliza sobre o papel, favorecendo a continuidade no traço, facilitando o trabalho com formas curvas e ornamentais. O nanquim evidencia o poder da linha.
- O professor pode incentivar a turma a atribuir uma função para os motivos tribais criados durante a atividade. Tais motivos indicariam, por exemplo, o pertencimento a certo clã, a invocação de determinada divindade, um símbolo de bravura ou de sabedoria, entre outras coisas. A partir das associações dos alunos, cria-se então um catálogo de motivos, recolhendo as explicações inventadas por eles.

## Mergulho na cor

- A pesquisa da composição das cores pode contar com a ajuda do professor de ciências, que aproveitará a oportunidade para dar aos alunos algumas noções de óptica.
- Para definir as cores no sistema CMYK, é necessário o acesso a programas de edição e/ou criação de imagens, como Corel Draw, Paint Brush ou Photoshop.
- Durante a atividade de pintura, o professor pode estimular a criatividade dos alunos escrevendo no quadro palavras soltas relativas a Gauguin: *amizade, sol, tropicalidade, fragrância*, entre outras.
- Na pintura, à diferença do que foi feito no trabalho com nanquim, interessa mais a superfície que a linha. Pode-se usar tinta guache ou acrílica.

lização geográfica e usando o quadro das páginas 4 e 5 deste guia. Em seguida, individualmente ou em grupo, os alunos escolherão um desses povos como objeto de pesquisa, anotando informações e colhendo imagens sobre a língua, o trabalho, a arte, a religião, a organização social, o vestuário, as casas, os traços étnicos etc. O material resultante dessa pesquisa será apresentado na forma de painéis e exposto em sala de aula ou no mural da escola.

## MOTIVOS TRIBAIS

Como os alunos perceberão ao longo da pesquisa, tais povos desenvolveram padrões de desenho (linhas geométricas e arabescos decorativos, abstratos) que aparecem nas representações de suas divindades, na pintura corporal e na decoração de objetos utilitários. No Brasil e no mundo, alguns desses padrões ou motivos, vulgarmente designados como “motivos tribais”, foram retirados de seu contexto original, ressurgindo em tatuagens urbanas e em objetos de consumo, como adesivos para carros, bicicletas, capas de caderno etc.

Com base nisso, cada aluno vai elaborar um motivo tribal, tendo em vista os padrões decorativos tradicionais dos povos do Pacífico Sul.

## CARTELA TROPICAL

O termo *tropical* designa usualmente a região situada entre os trópicos (e seu clima, sua fauna, sua flora etc.). Nesta atividade, os alunos deverão pensar nas possibilidades visuais de interpretação da palavra *tropical* em termos cromáticos, criando, como Gauguin, uma nova paleta visual.

- A partir da coleta (em revistas, jornais, internet) de imagens (fotografias, pinturas, estampas) relacionadas à tropicalidade, os alunos, em grupo, vão compor uma amostra de dez diferentes cores. As amostras serão coladas em uma folha de sulfite A4, na ordem definida pelo grupo, reservando-se um espaço para anotar o nome de cada tonalidade.
- Com a folha (cartela de cores) em mão, os alunos procurarão no computador a composição aproximada de cada tonalidade no sistema CMYK, utilizado em impressões gráficas. Esse sistema abarca todo o espectro cromático pela combinação de quatro cores básicas: azul (*cyan* – C), magenta (*magenta* – M), amarelo (*yellow* – Y) e preto (*black* – K). Assim, um verde, por exemplo, pode ser composto de 90% de azul (90 C), 0% de magenta (0 M), 50% de amarelo (50 Y) e 0% de preto (0 K).

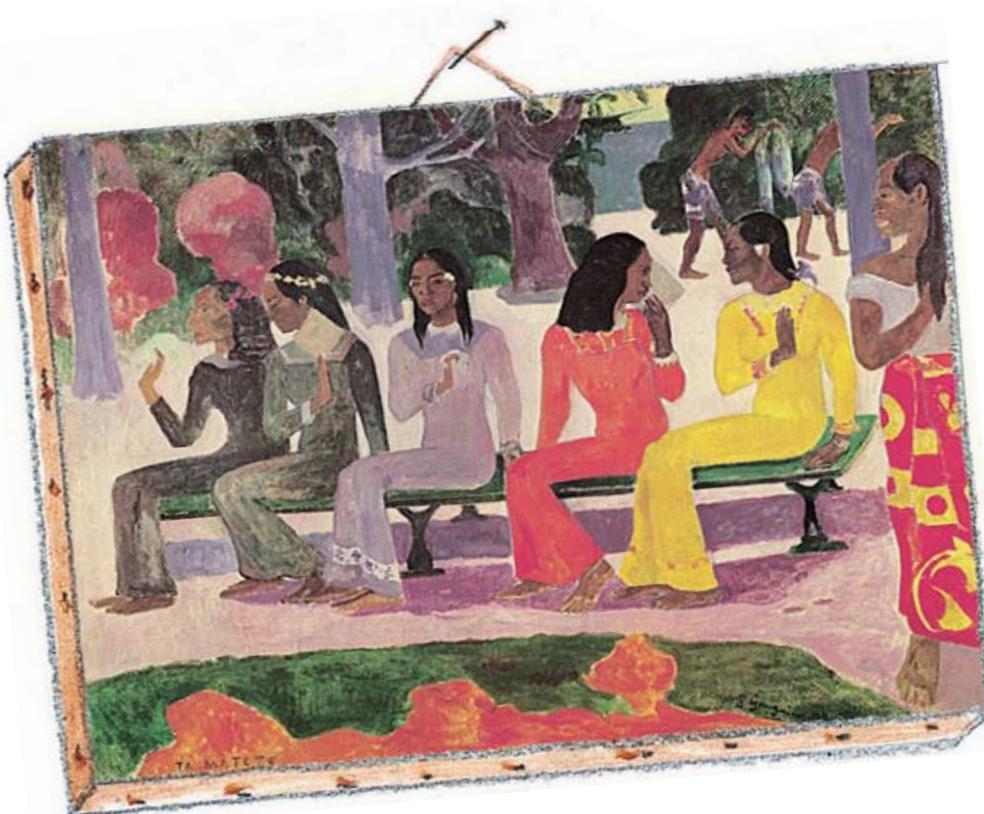
- Em seguida, os alunos “batizarão” as cores da amostra. Eles poderão associá-las objetivamente a coisas concretas e conhecidas (por exemplo, terra queimada, vermelho-hibisco, lua amarela) ou lançar mão da poesia, misturando percepção e sentimento em denominações como azul-melancolia, crepúsculo sangrento, tarde de maio...
- Pronta a cartela (definidos a composição e o nome de cada cor), os alunos poderão realizar uma atividade de pintura usando as tonalidades por eles escolhidas.

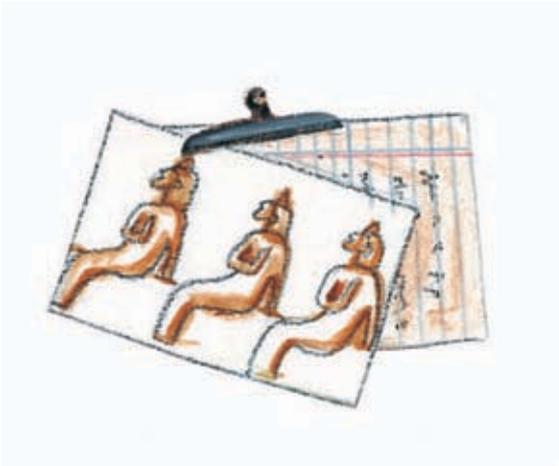
## LEITURA DE IMAGEM: *TA MATETE (O MERCADO), 1892*

Como aquecimento para a atividade, o professor apresentará à classe uma reprodução da tela enquanto lhe dirige perguntas como: “O que se vê nesta pintura?”; “Qual a relação entre a imagem e o título do quadro?”; “Como descrever a posição das mulheres em primeiro plano?”; “Há algo de peculiar no gestual dessas mulheres?”; “Como elas estão vestidas?”; “E o que se vê em segundo plano, no canto superior direito?”.

O professor aproveitará as respostas dos alunos para destacar de modo mais sistemático alguns elementos da composição, começando pelas figuras femininas em primeiro plano. As que estão sentadas no banco parecem conversar por meio de gestos. Todas em posição de perfil, com o tronco paralelo em ângulo reto com

as pernas (do mesmo modo que as mãos, com a palma fletida em ângulo reto com o antebraço), elas criam forte impressão de verticalidade, reforçada pelas quatro árvores ao fundo e pela sexta mulher (de pé, na extremidade direita do quadro), com trajes taitianos. Essas verticais paralelas, às quais se contrapõe a horizontalidade do banco, estruturam fortemente o campo do quadro.





No que concerne à posição de perfil adotada pelas mulheres, Gauguin se inspirou na arte egípcia (ver cartão-postal de arte egípcia, reproduzido ao lado), em que as figuras humanas são representadas dessa maneira. A artificialidade dessa posição (rosto de perfil, tronco de frente, mãos suspensas) empresta às figuras um ar majestoso, solene.

Ao fundo, atrás das árvores é possível ver o mar e dois pescadores, com os troncos inclinados e paralelos, como as mulheres da frente.

Por fim, cumpre chamar a atenção dos alunos para as sombras do sol a pino sob o banco e para a liberdade com que Gauguin emprega as cores, de modo não realista, por exemplo, pintando de azul o tronco das árvores.

### IMAGENS DO PARAÍSO

Com a colonização das ilhas da Polinésia, os franceses tentaram impor à população autóctone suas crenças e costumes, entre os quais, elementos da cultura cristã. Nas páginas 36 e 37 de *Gauguin e as cores dos trópicos*, o diálogo entre Gauguin e Jotefa revela de que modo o imaginário cristão se tropicaliza, levando

Gauguin a romper com a maneira pela qual o paraíso é tradicionalmente representado na arte europeia.

Um exame mais detido dessas representações tradicionais do paraíso seria o mote para uma pesquisa a ser desenvolvida pelos alunos. Em livros, revistas e na internet, eles buscariam, por exemplo, imagens do paraíso pintado por Michelangelo (1475-1564) na capela Sistina, no Vaticano; do paraíso detalhista do pintor holandês Hieronymus Bosch (1450-1526); da famosa gravura *Adão e Eva*, do gravador alemão Albrecht Dürer (1471-1528), e da pintura de mesmo nome feita pelo italiano Tiziano (1490-1576) em 1550.

Estimular-se-iam então os alunos a identificar traços comuns a todas essas representações.

Em seguida, seriam instados a relacionar tais representações ao paraíso tropical imaginado por Gauguin, com suas Evas morenas e perfumadas,



conforme se pode ver em *Te nave nave fenua* (*Terra encantada*), de 1892. Esse quadro, que pertence ao acervo do Ohara Museum of Art de Kurashiki, no Japão, não aparece em *Gauguin e as cores dos trópicos*, mas pode ser visto pelo *link* <http://communitas.princeton.edu/blogs/writingart23/images/TeNaveNaveFenua2.jpg>.

Por fim, com base nas imagens e na discussão em sala de aula, os alunos se encarregariam de elaborar a descrição de um “paraíso tropical”. De modo semelhante aos artistas plásticos, que imaginaram o paraíso a partir de elementos de sua cultura e de sua sociedade, os alunos usariam em suas descrições elementos de seu cotidiano, descrevendo em detalhe o ambiente, as pessoas e a relação entre natureza e homem.

## PARA SABER MAIS

---

### Sites de alguns museus em cujo acervo há obras de Gauguin

- Metropolitan Museum of Art, Nova York (EUA)  
<http://www.metmuseum.org/search/iquery.asp>
- Museu d’Orsay, Paris (França)  
[http://www.musee-orsay.fr/es/colecciones/catalogo-de-obras/resultat-collection.html?no\\_cache=1](http://www.musee-orsay.fr/es/colecciones/catalogo-de-obras/resultat-collection.html?no_cache=1)
- Museu Hermitage, São Petersburgo (Rússia)  
<http://www.hermitagemuseum.org/fcgi-bin/db2www/quickSearch.mac/gallery?selLang=English&tmCond=Gauguin+Paul>
- National Gallery of Art, Washington DC (EUA)  
<http://www.nga.gov/cgi-bin/tsearch?oldartistid=11750&imageset=1>
- Museu de Arte de São Paulo (Masp), São Paulo (Brasil)  
<http://masp.uol.com.br/colecao/detalhesArtistaphp?car=60>
- Kunstmuseum Basel, Basileia (Suíça)  
<http://www.kunstmuseumbasel.ch/en/collection/audioguide/paul-gauguin>



## Livros

- GAUGUIN, Paul, *Noa noa*. São Paulo: Max Limonad, 1982.  
O mais importante texto literário do autor, testemunho eloquente de sua posição anticolonialista e antiburguesa.
- MAUGHAM, Somerset. *Um gosto e seis vinténs*. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1996.  
Biografia romanceada sobre a vida de Gauguin na Polinésia, escrita pelo autor de *A servidão humana* e publicada originalmente em 1919.
- WALTHER, Ingo F. *Gauguin*. São Paulo: Taschen do Brasil, 2001 (coleção Basic Art).  
Biografia com reproduções em cores de várias telas, fotografias em preto e branco, cronologia e bibliografia.

## Filmes

- *Um lobo atrás da porta (Wolf at the door)*. Direção: Henning Carlsen. França/Dinamarca, 1986, 102 min., colorido. Elenco: Donald Sutherland Max von Sydow, Jean Yanne, Sofie Gråbøl, Valeri Glandut. Distribuição: Jaguar.  
Em 1893, Gauguin regressa a Paris e organiza uma exposição com as telas pintadas no Taiti. A exposição fracassa e o pintor, abalado, refugia-se no amor de Judith, a quem fala da felicidade na Polinésia. Decepcionado com a falta de reconhecimento, ele leiloa as pinturas e volta a seu paraíso taitiano em busca de paz.
- *Paul Gauguin*. Direção: Alain Resnais. França, 1950. 12 min., preto e branco.  
Curta-metragem que reconstitui a obra do pintor francês a partir de suas telas e escritos. Destaque para a música de Darius Milhaud (1892-1974). Disponível no YouTube, em francês, sem legendas.  
<http://www.youtube.com/watch?v=02blukJmkJM>  
<http://www.youtube.com/watch?v=R-HpmvH5OZE>  
Acesso em 5/07/2009.

